



DECRETO N.º 5053, DE 19 DE JANEIRO DE 1977.

Dá denominação a uma via pública da cidade de Campinas

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o ítem XIX, do artigo 39, do Decreto-Lei Complementar Estadual n.º 9, de 31 de Dezembro de 1.969,

DECRETA:

Artigo 1.º — Fica denominada DR. RENATO HENRY a Rua J do Jardim Chapadão, que tem início na Praça Noel Rosa e término na Avenida Marechal Rondon.

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal, 19 de janeiro de 1977.

DR. LAURO PÉRICLES GONÇALVES
Prefeito Municipal
DR. JOÃO BAPTISTA MORANO
Secretário dos Negócios Jurídicos
ENG.º GILBERTO MEIRA BIOLCHINI
Secretário de Obras e Serv. Públicos

Redigido na Consultoria Jurídica da Secretaria dos Negócios Jurídicos por Carlos Roberto M. Guimarães, Coordenador Administrativo da C. J., com os elementos constantes do Protocolado 026818 de 15-10-76 e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito em 19.1.1.977.

DR. ARMANDO PAOLINELI
Chefe do Gabinete



Renato Henry, uma vida de abnegação

Paulo Mangabeira Albernaz

Uma nota lacônica, que os jornais da terra estamparam como notícia paga, dizia haver falecido Renato Henry, médico, com os dias de praxe. O enterro saíra do Velório tal, a tantas horas. Li e fiquei pensando no meu colega que cerra os olhos para sempre, aos oitenta e cinco anos de idade. E à minha mente veio a Campinas de cinquenta anos atrás.

Certo dia, — isto lá para os 1930 e tantos — seguia eu pela manhã, de auto, para o consultório, subindo a Itua 14 de Dezembro, e, ao chegar ao cruzamento com a Dr. Quirino, dei uma buzina de aviso. Vi então um "fordinho", que vinha por essa rua, cortar-me a frente e, dando uma guinada violenta, entrar pela via através da qual eu vinha, seguindo em demanda da Sacramento. O carro passou com os pneus sibilando no calçamento e foi-se embora. Ri-me e disse aos meus botões: "Lá vai Renato Henry ver algum doente".

Assim viveu ele — para dizer a verdade — a vida inteira: correndo a atender chamados dos operários da Mogiana e da Paulista. Era — se assim me posso exprimir — um escravo dos doentes e, para eles, um pequeno Deus. Coragem, decisão, dedicação, estavam naquele médico simples e sem pretensões. Não havia, para ele, nem dia, nem noite, nem domingos ou feriados. Ele só conhecia uma coisa: doente a ser atendido, isto é, trabalho. Era uma espécie do meu velho amigo, o Dr. Bettim. Este, porém, já avançado em anos, não podia mais realizar as correrias que Renato Henry se via obrigado a fazer.

Recebi, uma vez, um convite para comparecer a uma festa dos operários das duas grandes companhias ferroviárias, a Mogiana e a Paulista, dedicada ao seu abnegado médico, aquele que por eles vovava com devotamento de apóstolo: o Dr. Renato Henry.

Não me podia furtar a estar presente à comemoração, acima de tudo por espírito de coleguismo. Partii, pois, no dia, para o Teatro Municipal, aquela sôberba casa de ópera, orgulho de nossa cidade, e que não mais existe. Encontrei o teatro à cunha: não havia um lugar vago! Eram homens, mulheres, crianças, que haviam afluído à grande casa de espetáculos.

Procurei um lugar com dificuldade. Ponco depois, era levantado o pano. Fiquei surpreso com a presença, no palco, na mesa diretora, de muitos colegas — Dr. Arruda Raso, Dr. Guilherme Hollinger, Dr. Penido Burnier, Dr. Alfredo Gomes Júlio, Dr. Bernardes de Oliveira, Dr. Guedes de Melo Filho e outros, além das autoridades. No centro da mesa, um grande retrato a óleo, e a seu lado o Dr. Renato Henry, o homenageado.

Um dos ferroviários foi o orador encarregado da saudação. Palavras simples, modestas, mas por isso mesmo elzadas de admiração e de reconhecimento. Começou por traçar a biografia do Dr. Renato Henry. Nasceu no Rio de Janeiro a 27 de maio de 1892, completava, naquele dia, trinta e nove anos de idade, e dez de serviço às duas companhias. Haviam chefiado as homenagens, à qual deram todo apoio, o Prefeito Municipal — o inesquecível Orozimbo Main — o Engenheiro Artur Canguçu, o Engenheiro Jaime Cintra, o Engenheiro Humberto S. de Camargo, entre outros diretores das duas empresas ferroviárias.

Salientou o orador, com precisão, os traços marcantes da personalidade de Renato Henry, de quem disse que "como sacerdote da ciência, soube cultivar pela bondade a alma dos humildes, socorrendo nas enfermidades e no leito de dor os que sofriam, quase sempre na pobreza.

"Como profissional, tem demonstrado invejáveis e bem raros predicados: sabe manter no espírito do doente a confiança necessária à cura; une a delicadeza extrema de um trato fidalgo, à energia precisa imposta por diagnóstico acertado; atende bondosamente aos chamados a qualquer hora do dia ou da noite, bondade essa que nestes bons tempos de comodismo tem muito significado, inormente se o enfermo for pobre; enfim, a ele pertence o maravilhoso segredo de irradiar simpatia e incurrir esperanças — o docente sente-se alentado com sua presença, e a família angustiada recobra o sossego por sabê-lo entregue em boas e cuidadosas mãos.

"Seu desinteresse muitas vezes comove e, nre vislumbamos o reflexo espontâneo da vocação natural, que converte insensivelmente o médico em um apóstolo, sempre pronto para levar o bálsamo consolador da ciência, a estancar as dores e o sofrimento alheios".

Aquela festa e estas palavras foram uma consagração: era o máximo que podia ser conferido, como prova de gratidão e reconhecimento, a um médico.

Renato Henry, dominado pela emoção, levantou-se para agradecer e leu, com dificuldade, algumas palavras, em que externava sua gratidão por aquela demonstração de carinho e de amizade.

Mal terminava sua alocução, toda a assistência, de pé, o aplaudiu por muitos minutos. A cena era comovedora. Recebia ele, naquele dia, o prêmio supremo de sua bondade, qualidade que, hoje como ontem, tem sido e continua a ser extremamente rara.

O médico, entretanto, só é médico no sentido profissional, quando se acha em plena atividade.

Lá um dia, já octogenário, Renato Henry notou, desconsolado e vencido, que a memória começava a mostrar-se insegura. A agilidade já não era igualdade de anos atrás. Percebeu, como médico, que chegara a hora de aposentar-se, de deixar aquela carreira maravilhosa que lhe encantara a vida. E, com o coração amargado, teve de deixar a clínica.

Foram os anos passando, a saúde decaindo. Um dia, cerrou os olhos para sempre.

E então mudou o quadro: o bom, o dedicado, o amigo — era O MÉDICO. Desde que ele se vira forçado ao recolhimento, deixara de ser MÉDICO.

Onde estavam, então, os amigos da festa estonteante de 27 de maio de 1931? Na cópia do preloso e lindo album, que foi ofertada a todos os participantes, figuravam quase mil e quinhentos nomes de operários da Mogiana e da Paulista. (Em número exato: mil quatrocentos e quatorze).

Onde estavam os amigos, os seus clientes, muitos cuja vida ele salvara, aqueles que tanto o estimavam? Em verdade, diversos já se haviam ido para o outro mundo. Mas, os vivos... onde estavam?

E que ele, o Renato Henry, a PESSOA, vira a falecer talvez dez anos depois do Renato Henry, O MÉDICO. E, pela morte deste, todos aqueles de que cuidara, a que dera o consolo nos distúrbios da saúde, aos quais se dedicara de corpo e alma — não se lembravam mais do médico, que havia DESAPARECIDO há anos e anos.

Assim acabou meu velho colega, modelo dos médicos clínicos, cuja vida estes que hoje se formam deviam tomar por paradigma. Que, pelo mundo, um seu colega (que, aliás não privou muito com ele), recorde à posteridade, nesta cidade de Campinas, um pequeno Deus, que se chamou Renato Henry.

E vêm-me à mente as palavras luminosas da "Imitação de Cristo": "O quam cito transit gloria mundi!" — "O quanto ligeira passa a glória deste mundo!"

Mas o médico jamais fez nada à espera de reconhecimento ou reconhecimento. Foi o grande e incomparável mestre William Osler, quem disse: "Mais do que qualquer outro, está o profissional da Medicina habilitado a ilustrar a segunda grande lição, a saber, que não estamos aqui para retirar da vida o que pudermos, em nosso proveito exclusivo, senão para tentar fazer mais feliz a vida de nosso próximo".

Renato Henry foi destes médicos a que se reporta Osler. Esta a sua maior glória e — por que não o dizer? — da própria, da verdadeira Medicina.

CORREIO PAULISTA - 30. JULHO. 1978

COLUNA
DO POVO



Carta aberta ao prefeito

Ao prefeito Francisco Amaral, o Prof. José Roberto do Amaral Lapa envia, por intermédio da "Coluna do Povo" do Correio Popular, a seguinte carta:

"Meu caro Prefeito Francisco Amaral: No momento em que a socialização de medicina — prevista e temida há anos — atinge implicações e contradições insuportáveis para a sociedade brasileira, em que as greves dos "residentes" dividem radicalmente a opinião pública, em que a estrutura universitária reconhece a sua responsabilidade pela defasagem entre o profissional que ela forma e a realidade que ele encontra aqui fora, essas várias questões refluem geralmente para a expectativa de um denominador comum: o "médico da família", uma espécie em celerê extinção.

Houve em nossa terra um "médico da família" realmente extraordinário, que conseguiu atender, com competência profissional e calor humano, de duas a três gerações.

O que me contristou e agora me leva escrever-lhe é o fato de sua recente morte ter sido absorvida com aparente indiferença pela cidade.

Falo do Dr. Renato Henry, a quem por certo você deve ter conhecido.

Aquela insensibilidade inicial, que jamais aconteceria na nossa Campinas de algumas décadas atrás, e que vamos dando conta ir desaparecendo no tempo e no espaço, felizmente vai sendo quebrada agora por dois testemunhos acima de qualquer suspeita: a de um seu antigo cliente sr. Lino Azevedo em carta publicada no Diário do Povo de 25.7.78, na coluna "O Leitor no Diário" e o artigo Renato Henry, uma vida de abnegação, do eminente Dr. Paulo Mangabeira Albernaz, publicada pelo Correio Popular de 30.7.78. São dois depoimentos de natureza diversa, mas se perfilando no reconhecimento daquele médico singular pelas suas qualidades.

Um Médico que tinha uma clientela imensa, de todas as classes, mas e sobretudo de humildes, entre os quais estava a população ferroviária de Campinas e da região, que você conhece como poucos.

Dinturnamente, a qualquer hora, agitava-se aquele Médico na paisagem da cidade, no seu velho carro — que chegou a ser um "fordinho", como lembrou com ternura o dr. Mangabeira — mas que durante a II Guerra Mundial, forçado pela escassez da gasolina, foi simplesmente substituído por uma bicicleta! O Dr. Renato não podia deixar de atender aos seus milhares de clientes e a solução que não hesitou em abraçar foi essa: uma bicicleta, com a qual ia no palacete, na casa e no barraco, com suas inconfundíveis e fortes batidas na porta, dadas com os nós dos dedos ou com alguma chave, oferecer a sua capacidade profissional e a sua sensibilidade humana, februçando nas cabeceiras, visitando quantas vezes fosse necessário, num dia, tendo pela sua experiência a segurança dos diagnósticos e portanto, da confiança que inspirava em seus doentes.

Por certo que o seu filho — Dr. Maurício Henry — poderá, com facilidade lembrar nos centenas de momentos e de casos de dedicação do seu pai, que justifiquem o pedido que ora tomo a liberdade de dirigir-lhe, como conterrâneo e cidadão: o de dar a uma rua da cidade o nome daquele médico excepcional, reparando assim, de maneira mínima, a dívida que Campinas contraiu com quem praticamente doou toda a sua vida ao serviço de dar à população meios de vencer aquilo que mais a deprime: a dor e a morte.

A administração humana que nos prometeu no seu compromisso político com a sua, a nossa cidade, que vai se desenhando agora rapidamente no conjunto e nos detalhes, passados os primeiros momentos de adequação a uma realidade evolutiva, ganhara mais ainda no reconhecimento público com esse gesto, repercutindo em cada casa, onde durante anos a figura familiar do Dr. Renato Henry surgia sempre nas horas de desespero e vacilações.

Certo da sua compreensão a este pedido, vislumbro o agradecimento da população e dele participo com carinho, o seu amigo e admirador muito sincero,

RUA DR. RENATO HENRY



Homenagem ao Dr. Renato Henry

A propósito da carta do nosso colaborador, Amaral Lapa, publicada nesta coluna, sugerindo uma homenagem à memória do saudoso médico, dr. Renato Henry, recebemos do prefeito municipal, Francisco Amaral, a seguinte carta:

"Li, verdadeiramente emocionado, a carta que José Roberto do Amaral Lapa me endereçou, através da Coluna do Povo, do seu jornal, do dia 23 do corrente, na qual me solicita, de público, dar o nome do saudoso médico Renato Henry a uma das ruas da nossa cidade.

Efetivamente, aquele discípulo de Hipócrates, que dignificou, pela cultura do espírito e pelo altruísmo do coração, a profissão médica, ao longo de tantos anos, em Campinas, não poderia ser esquecido, nem ontem, nem hoje, com a homenagem que Amaral Lapa me sugere.

De acordo com o expediente anexo — decreto 5053, de 19-1-77 e mapa do local respectivo — o nome de Dr. Renato Henry foi dado a uma rua que começa na Praça Noel Rosa, e termina na Avenida Marechal Rondon, no Jardim Chapadão — motivo por que não tomo, eu próprio a iniciativa da homenagem aventada.

Acho, entretanto, que, apesar de já existir, na Nomenclatura da cidade, esse tipo de homenagem ao Dr. Renato Henry, Campinas deve render outras à memória daquele inesquecível sacerdote da ciência, até mesmo por intermédio do Dr. Sebastião de Moraes, Secretário Municipal de Saúde, no Dia do Médico — homenagem essa da Prefeitura e da cidade, e que se estenderia também aos descendentes do Dr. Renato.

Agradeço ao professor Amaral Lapa, homem de letras que tanto se preocupa com o ordenamento moral da história de Campinas, como agradeço, ao Correio Popular a publicação da aludida carta — medidas que recebo, com muita alegria, como colaboração ao meu governo".

("Correio Popular" de 31-08-1978)